

## Ensino de Literatura e Educação Ético-estética: uma proposta a partir da hermenêutica de Gadamer

TAMARA VÉRAS DE BITENCOURT\*

### Resumo

Este artigo pretende, partindo de considerações acerca das práticas atuais no ensino de Literatura, refletir sobre a possibilidade de - estando o texto literário no centro do processo - o mesmo poder estar a serviço de uma educação ético-estética, pautada pela possibilidade de estranhamento através da leitura da literatura. Pretende-se refletir sobre um ensino de Literatura que ao não exigir a mera memorização de informações, possa propiciar aos educandos experiências estéticas que pretendam uma formação ética pela sensibilidade capaz de educar para a alteridade. A hermenêutica de Gadamer permite uma tentativa de compreender como se dá a alteridade na tentativa de compreensão do outro, num contexto de pluralidade.

**Palavras-chave:** Experiência estética; Alteridade; Formação; Hermenêutica.

### Literature Teaching and Ethic Aesthetic Education: a proposal from gadamer's hermeneutic

#### Abstract

This paper's goal is to reflect on the possibility of a power being in the service of an ethic aesthetic education, considering current practice of literature teaching and setting the literately text in the center of the process, ruled by a possible strangeness through the reading of a literary text. It also intends to ponder on teaching literature in such a way that instead of demanding the memorization of information, it offers to the learner aesthetic experiences that create an ethic education through sensibility which is able to educate for alterity. Gadamer's hermeneutic allows an attempt to understand how alterity works in the understanding of the other in a plurality context.

**Key words:** Aesthetic experiences; Alterity; Education; Hermeneutic.



\* TAMARA VÉRAS DE BITENCOURT é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação PUCRS.

## Ensino de Literatura

O último relatório da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>1</sup>, cujo objetivo é avaliar o comportamento leitor do brasileiro, aponta uma redução no número de leitores. Em 2007, quando perguntados sobre suas atividades no tempo livre, 36% dos brasileiros apontaram a leitura como prática, ao passo que, em 2011, este índice caiu para 28%, com aumento significativo de ocupação do tempo livre com as redes sociais. Isolado, este índice apenas representa algo que é visível contemporaneamente. Vale lembrar, também, que estar nas redes sociais pode significar ocupação do tempo com leitura, embora estejamos neste momento preocupados com a leitura de obras literárias. Tendo em vista que o consumo de livros em papel ainda é significativamente superior à leitura em meio eletrônico, o dado indica redução do ato de ler no sentido aqui entendido:

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é o que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. (PETIT, 2008, p. 38)

A definição de leitor e não leitor, na referida pesquisa, diz respeito à leitura



Hans-Georg Gadamer  
(1900-2002)

nos três meses anteriores à realização da entrevista, portanto, foram considerados leitores aqueles que haviam lido pelo menos um livro nos três meses anteriores e não leitores aqueles que não haviam lido nem um livro nos últimos três meses. De acordo com este critério, a região Sul do Brasil foi a única com porcentagem de não leitores superior a de leitores. É importante ressaltar, de acordo com Foucambert, o que caracteriza, em outros termos, leitores e não-leitores:

O que caracteriza o “ainda não-leitor”, criança ou adulto, é ele ter sido mantido afastado daquilo que necessariamente a escrita traz de violência, daquilo que só o escrito pode encontrar por trás das aparências – seu poder de fazer surgir uma ordem desconhecida de fatos que me são estranhos, uma ordem que bruscamente propõe um sentido novo à minha experiência e assim me obriga, para defendê-la ou para descobri-la outra, a voltar a ela mais intensamente. (FOUCAMBERT, 1997, p. 57)

A partir do diagnóstico traçado pela Instituição, espera-se que sejam feitas reflexões, a fim de possibilitar novas intervenções no fomento à leitura. Diante do contexto em que se encontra o ensino da leitura, pensamos que “compreender e interpretar textos não é um expediente reservado apenas à ciência, mas pertence claramente ao todo da experiência do homem no mundo” (GADAMER, 2007, p. 29), o que nos permite, portanto, uma reflexão acerca da produtividade das aulas de Literatura como espaço privilegiado de diálogo com a obra literária.

<sup>1</sup> Pesquisa realizada pelo Instituto Pró- Livro – IPL, uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

O panorama em que nos encontramos é de que há muito a ser feito no que diz respeito à formação de leitores no Brasil. Nosso foco aqui está na leitura da obra literária, ou seja, uma leitura que, segundo Bloom (2001, p. 15) “nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros.”.

Paralelo aos dados disponibilizados pelo IPL, os relatórios oficiais que analisam o desempenho dos estudantes brasileiros através do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) justificam o baixo desempenho dos alunos como decorrentes da ausência de domínio da leitura compreensiva. Assim, entendemos a necessidade de uma nova postura, conforme Antunes (2003, p. 37):

Sentimos na pele que não dá mais para “tolerar” uma escola que, por vezes, nem sequer alfabetiza (principalmente os mais pobres) ou que, alfabetizando, não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, *assumindo a palavra*, serem *autores* de uma nova ordem das coisas.

As informações disponibilizadas, tanto em relação ao perfil leitor do brasileiro quanto em relação ao desempenho dos alunos nas avaliações em larga escala, não esgotam todas as discussões sobre formação de leitores no Brasil, ao contrário, indicam caminhos para o desenvolvimento de práticas que incentivem hábitos de leitura. O que nos cabe aqui não é a exaustão da discussão dos dados apresentados, nem a busca de culpados para a redução do número de leitores, mas a reflexão sobre a possibilidade de um caminho para maior significação das práticas de leitura, sobretudo nos ambientes escolares, ainda grandes responsáveis

pela formação de leitores, pelo desenvolvimento do gosto pela leitura e do hábito da leitura. Questionamos:

Todas as observações de nossa realidade leitora apontam para o mesmo: pais sem tempo nem vontade, professores desanimados. Quantos são leitores habituais e competentes? Que estratégias de leitura produzem realmente novos leitores convictos? Quantas crianças são leitoras cotidianas graças aos seus laços familiares e/ou à escola que os educa? (GIARDINELLI, 2010, p. 41)

Mais especificamente, nos interessa neste artigo, o papel da disciplina de Literatura na formação de leitores. Propomo-nos, portanto, a entender a leitura enquanto experiência estética a partir de Gadamer.

Segundo estudo de Cereja (2004), com alunos de Ensino Médio, 67,5% dos entrevistados afirmaram ler livros de Literatura indicados pela escola. Índice que corrobora a ideia de que a escola é, ainda, grande responsável pela formação de leitores. Segundo Colomer & Camps (2002, p. 70):

Embora ler seja a base de quase todas as atividades que se realizam na escola, e a concepção de leitura como ato compreensivo seja aceita por todos, a maioria das pesquisas sobre as atividades de leitura na escola demonstram que nela não se ensina a entender os textos.

O que tem se observado como prática nas aulas de Literatura, de escolas públicas e privadas, é a abordagem historicista da literatura, que se sustenta numa apresentação panorâmica da série literária, isto é, numa sequência de movimentos literários ou estilos de época e dos principais autores e obras. Os autores são os indicados pela tradição canônica. Excluem-se, com esta metodologia, todos os “modos de

experiência nos quais se manifesta uma verdade que não pode ser verificada com os meios metodológicos da ciência.” (GADAMER, 2007, p. 30)

Os livros didáticos de Literatura, em geral, seguem os passos metodológicos de apresentação do movimento literário, com datas que demarcam o início e o fim de cada período, lista de principais autores, uma contextualização histórica, com propostas de leituras segmentadas de obras consideradas mais relevantes. Os trechos selecionados, na maioria das vezes, estão a serviço da exemplificação das características do período literário, o que deixa a obra em si em segundo plano. Segundo Cereja (2004, p. 86):

Nesse contexto, o ensino de literatura cada vez mais foi deixando de ser dialético e dialógico - tanto no que refere à interação dos sujeitos em sala de aula quanto no que se refere à relação do texto com outros textos – para se tornar um ensino burocrático, que privilegia a memorização de informações.

É nesse sentido que o ensino de Literatura parece não estar dando conta da missão de formar leitores e desenvolver hábitos de leitura. Mais do que isso, quando preconiza os aspectos sócio-históricos dos períodos literários em detrimento da própria prática da leitura, do diálogo com a obra, também são reduzidas as aberturas à alteridade e à tradição. Segundo Gadamer (2007, p. 229), “o modo de ser da literatura tem algo de peculiar e incomparável; ela impõe uma tarefa específica para o transformar-se em compreensão.”

O recorrente tem sido a supervalorização da pseudo cientificidade da disciplina, ensinada sob a perspectiva histórica que torna estática e dada a verdade que emana da obra literária ao ponto de já não ser

mais necessária a leitura da mesma. Isso pode ser observado também na quantidade de obras disponibilizadas pelo mercado, que pretendem dar ao leitor as informações necessárias sobre a obra, sem que haja o diálogo do próprio leitor com o livro.

Desse modo, o objetivo da disciplina em nada se relaciona à leitura. E a leitura, neste contexto, em nada se relaciona com as possibilidades de proporcionar aos alunos uma experiência estética que os ajude a compreenderem-se como humanos, através da sensibilização moral. De acordo com Petit (2008, p. 41):

Às vezes, a leitura nos dá o apoio de uma definição. De uma forma, uma ordenação. Sentimos que existe, em alguns textos escritos por escritores, um pouco mais de verdade que em outras formas de expressão linguística. Porque o escritor quebra os estereótipos, renova a linguagem, caça os clichês – o bom escritor, ao menos. E é um dos raros que fala das contradições e ambivalências das quais somos feitos. Inclusive, é sobre essas contradições, essa parte obscura do coração humano, que ele, com mais frequência, trabalha.

Nesta relação com o lado humano que só a arte é capaz de representar é onde pensamos que devam estar nossos alunos; é a esse diálogo com o texto literário que eles devem estar expostos para uma formação para além daquela que exige a memorização das datas e das listas de características acerca dos períodos literários.

### **Educação Ético-estética**

É importante deixar claro o sentido de estética entendido neste trabalho não como o estudo do belo e da arte, mas a estética como sensibilidade, no sentido grego de *aisthesis*, segundo a concepção

de Aristóteles. A reflexão que se pretende é justamente a de relacionar o ensino de Literatura como possibilidade de nos relacionarmos com a realidade através da sensibilidade. Segundo Schiller (1963, p. 52):

A passagem do estado passivo da sensibilidade para o ativo do pensamento e do querer dá-se, portanto, somente pelo estado intermédio de liberdade estética, e embora este estado, por si mesmo, nada decida quanto a nossos conhecimentos e atitudes morais, deixando inteiramente problemático nosso valor intelectual e moral, ele é, ainda assim, a condição necessária sem a qual não chegaremos a conhecimentos e compromissos morais. Em poucas palavras: não existe maneira de fazer racional o homem sensível sem torná-lo, antes, estético.

Partindo do pressuposto de que a prática do ensino de Literatura ainda está atrelada ao ideal da modernidade, com supremacia do cognitivo e separação entre racional e sensível, acreditamos na transformação do sujeito pela experiência estética, ou seja, a possibilidade de rompimento com nossas expectativas habituais e a projeção de novas possibilidades de sentido.

A leitura de obras literárias aparece, neste contexto, como experiência estética, na medida em que permite nos compreendermos e compreendermos o mundo, aumentando nossas possibilidades de escolha diante de situações particulares. A arte, então, pode nos mostrar a verdade e alargar as nossas relações com o mundo. Segundo Hermann (2010, p. 17):

A experiência estética – na medida em que abala nossas convicções comuns e suspende a normalidade das certezas justificadas – é

reivindicada para uma ampliação da compreensão ética da educação, um modo de trazer novos elementos para o juízo moral, como alternativa à reflexão ética exclusivamente racional. Tais experiências de liberação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu.

Dar ao texto literário posição de destaque nas aulas de Literatura é permitir que os alunos vivenciem experiências estéticas; é possibilitar aos alunos se verem e não se verem num mundo ficcional que, ao mexer com a sensibilidade, ao tocar os indivíduos, segundo Gadamer (1997), pode falar da verdade, em contraposição à verdade concebida cientificamente.

Ainda, segundo, Hermann (2005, p. 40), a experiência da arte nos abre um mundo, um horizonte, uma ampliação de nossa autocompreensão, justamente porque ela revela o ser. Pelo que foi dito é que se torna possível pensar numa prática pedagógica, nas aulas de Literatura, que coloque a leitura da obra literária, ou seja, o contato com a arte, no centro do processo para uma formação ética.

Entendemos, portanto, que a disciplina de Literatura está a serviço de uma educação ético-estética, na medida em que – ao proporcionar experiências estéticas aos educandos – estamos permitindo que eles possam aguçar o gosto, ampliar o horizonte compreensivo, manejar a alteridade, buscar soluções universais para aplicabilidade em situações particulares de suas próprias vidas. Segundo Petit (2008, p. 43):

Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como

a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Uma educação ético-estética, reconhecadora da tensão entre o eu singular e o *ethos* comum, que pretenda uma educação para o agir moral, pode utilizar-se da disciplina de Literatura – componente curricular obrigatório no Ensino Médio – para criar situações dialógicas entre os sujeitos e entre os sujeitos e a obra literária. Hermann (2010, p. 47) indica a possibilidade decorrente da experiência estética: “Uma experiência aberta, como a experiência estética, muito provavelmente amplie nossas possibilidades de escolha e nosso gosto, tornando mais justo o juízo moral.”

### A hermenêutica de Gadamer

De acordo com Palmer (1969, p. 23), a etimologia da palavra hermenêutica remete ao grego *hermeneuein*, interpretar, ou *hermeneia*, interpretação. A palavra também é associada a Hermes, o deus grego mensageiro, cuja função é “transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender” e a quem “os Gregos atribuíram a descoberta da linguagem e da escrita.

O sentido adotado neste trabalho é a do filósofo alemão Hans Georg Gadamer que, ao propor uma Hermenêutica Filosófica, perpassou o âmbito da arte, da história e da linguagem, centrando-se na discussão de que o método científico não é a única forma de se chegar a uma descoberta.

Em Verdade e Método (1997), Gadamer mostra que a interpretação, antes de ser

um método, é a expressão de uma condição do homem: o intérprete que aborda uma obra está já determinado no horizonte aberto pela obra, é o círculo hermenêutico. A interpretação é, antes de tudo, a explicação da relação que o intérprete estabelece com a tradição de que provém.

Neste sentido, a obra de Gadamer (1997) trata sobre um acontecer da verdade no qual já sempre estamos tomados pela tradição. Segundo o autor, é possível explicitar fatologicamente esse acontecer em três esferas da tradição: o acontecer na obra de arte, o acontecer na história e o acontecer na linguagem.

A hermenêutica que cuida dessa verdade questiona a aplicação dos métodos das ciências da natureza às ciências humanas, por isso ela é chamada de hermenêutica filosófica. É desse modo que Gadamer estreia um lugar para a atividade da razão, fora das disciplinas da filosofia clássica e num contexto em que a metafísica foi criticada. Para Gadamer (1997), a Hermenêutica deve dar conta da possibilidade de compreensão das ciências do espírito e, para isto, a tarefa da filosofia deve fundamentá-la a partir da própria finitude humana em seu contexto existencial de comunicação. A partir desses esclarecimentos, entendemos a compreensão com seu caráter produtivo:

O sentido de um texto ultrapassa o seu autor não apenas ocasionalmente, mas sempre. Por isso, a compreensão não é apenas um comportamento reprodutivo, mas sempre também um comportamento produtivo. Compreende-se de modo diferente, quando se compreende efetivamente (GADAMER, 1997, p. 301-302).

O grande esforço, segundo Gadamer (2007), é deixar que o texto nos fale em sua alteridade para que em nossa posição no tempo possamos estabelecer um diálogo que busque entender o dito no não dito – ou seja, ir ao encontro dos problemas e perguntas feitas pelo autor.

Aquele que quer compreender não pode se entregar de antemão ao arbítrio de suas próprias opiniões prévias, ignorando a opinião do texto da maneira mais obstinada e consequente possível – até que este acabe por não poder ser ignorado e derrube a suposta compreensão. Em princípio quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente deve, desde o princípio, mostrar-se receptiva à alteridade do texto. (GADAMER, 2007, p. 358)

A compreensão da arte, por exemplo, não advém de dividirmos metodicamente como se fosse um objeto, mas sim por meio de uma abertura ao ser. Toda interpretação deve, então, ter uma aplicação no presente, ser referida por ele, trazendo algo de nossa tradição histórica para, assim, contribuir na construção do nosso presente.

Seguindo nesta perspectiva, a hermenêutica de Gadamer nos indica uma possibilidade de trabalho com a leitura por um processo dialógico que, aplicado às aulas de Literatura, pode criar um ambiente de redescobertas de si e reconhecimento do outro, tanto nas relações entre os sujeitos quanto nas relações entre os sujeitos e a obra. O caráter dialogal da experiência estética é esclarecido, segundo Hermann (2010, p. 53-54):

A experiência estética tem um caráter dialogal porque reconhece que algo vem à luz como resultado

do enfrentamento do sujeito com a obra de arte. Nesse movimento provocado por aquilo que é alheio, o outro se interpõe como condição mesmo de compreensão.

Gadamer utiliza o conceito da *phronesis* aristotélica na relação com o jogo de abertura para o outro, na medida em que possibilita a aplicação de princípios universais em uma determinada situação concreta. Assim, as aulas de Literatura podem ser entendidas como estratégias, conforme explicita Hermann (2010, p. 105):

As diferentes estratégias que permitem formar uma sensibilidade aguçada para com as particularidades da situação e a atenção às emoções em relação à construção da moralidade, são contribuições da arte de viver e devem ser consideradas na educação, se quisermos educar pessoas com capacidade de decidir e conduzir suas vidas.

Entendendo que o conhecimento se dá na historicidade e na linguagem, a leitura de obras literárias amplia horizontes. Ao contrário do que vêm acontecendo nas chamadas atividades de interpretação e/ou compreensão, recorrentes em livros didáticos de Literatura, uma experiência hermenêutica de compreensão sobre a qual se pretende refletir, precisa, segundo Gadamer (1997), estar atrelada à pré-compreensão, à historicidade e à aplicação. À pré-compreensão estão atrelados nossos preconceitos, que nos orientam previamente em nossa experiência.

Uma compreensão hermenêutica da obra literária é sempre uma fusão de horizontes. Nesse sentido, a experiência hermenêutica pode ser entendida, conforme Hermann (2010, p. 118):

Aqui a experiência hermenêutica é um processo educativo que não

apenas nos leva a uma apropriação reflexiva de nosso eu, mas também pode nos levar a rejeitar determinadas interpretações de mundo, numa recriação de sua relação com o mundo. Isso é incompatível com o dogmatismo e a rigidez. A experiência nos coloca numa situação limite, recorda nossa finitude.

Aquilo que os alunos podem compreender através da experiência hermenêutica é o que vai permitir aplicabilidade de algo geral a uma situação concreta, através do diálogo, segundo a concepção de Gadamer. O diálogo nesse sentido possibilita condições de reflexões sobre seus próprios pontos de vista. Segundo Hermann (2002, p. 63): “Como no diálogo, a interpretação de um texto se circunscreve na dialética de pergunta e resposta.”

Concluimos, a partir do referido até então, que a leitura da Literatura a partir de uma compreensão hermenêutica permite a criação do vínculo entre o “eu” e o mundo, colaborando para a formação ética dos indivíduos. Segundo Hermann (2002, p. 102):

Desse modo, a possibilidade compreensiva da hermenêutica permite que a educação, como processo formativo, vincule o “eu” e o mundo, de forma a dar sentido àquilo que não vem só de nós mesmos reconhecer a verdadeira grandeza das produções culturais que abrem o mundo e com isso enriquecer nossa própria interioridade. A formação é assim uma abertura para o reconhecimento da alteridade, fazendo com que sejamos capazes de dar sentido àquilo que vem de fora de nós, o que significa compreender o outro e o saber cultural.

Comprendemos que a experiência é a própria experiência da finitude humana

e que os professores precisam abandonar as certezas e as previsões tão habituais no contexto escolar. A experiência com a obra literária possibilita a formação como criação de si, amplia nossa interpretação do mundo, permitindo a reorientação e autocorreção.

Gadamer visa contribuir para a superação da crença no método científico orientador da Ciência Moderna como única forma válida de produção de conhecimentos e verdades, já que, na sua visão, é possível, através da linguagem, compreender sem a utilização de um método. Na visão do referido filósofo tudo que não é familiar ao sujeito pode desafiar, perturbar, desequilibrar, sendo capaz de originar um diálogo. O diálogo, segundo Gadamer (1997, p. 247) é:

aquilo que deixou uma marca. O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. (...) O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou.

Para Gadamer (1997), o autêntico diálogo é um encontro permeado por perguntas e respostas que faz com que seus participantes saiam dele diferente do que entraram.

### Considerações finais

A citação de Proust (1989), abaixo, ilustra esse local da leitura, especificamente a literária, no processo de abertura dialógica com o outro para ampliação dos horizontes interpretativos individuais para uma ação que leve em consideração o *ethos* comum.

Se o gosto pelos livros cresce com a inteligência, seus perigos, como vimos, diminuem com ela. Um espírito original sabe subordinar a leitura à sua atividade pessoal. Ela não é para ele senão a mais nobre das distrações, sobretudo a mais enobrecedora, pois, somente a leitura e o saber dão as “belas maneiras” do espírito. O poder de nossa sensibilidade e de nossa inteligência, não podemos desenvolvê-lo senão em nós mesmos, nas profundezas de nossa vida espiritual. Mas é nesse contato com os outros espíritos, contato que é a leitura, que se faz a educação das “maneiras do espírito”. (PROUST, 1989, p. 46)

Ensinar Literatura pode ser bem mais que informar sobre nomes, datas e listas de características produzidas. Pode ser experiência estética, afinação, requinte, produção. Pode ser, portanto, encantamento pela leitura e as possibilidades de diálogos com e na obra de arte. Em contexto de pluralidade normativa e valorativa, é oportuno o aprendizado da arte de viver, com aumento da capacidade de julgamento e tomada de decisões diante das situações da vida. Giardinelli (2010, p. 64) esclarece a problemática da leitura na contemporaneidade:

Assim, o sistema educativo escolar e, também, o familiar levaram as crianças das últimas gerações a fugir da leitura e, ao mesmo tempo, a entrar no tolo mundo do consumismo. Perdeu-se o prazer da leitura, o ler para nada, o ler por ler, o ler para se transportar a outros mundos, gerar e estimular a própria fantasia, desenvolver o sentido comum e o senso crítico. Ou seja, ler para ser uma pessoa melhor, que é, em resumo, para que serve a cultura.

O tema é mais complexo do que este texto pode apresentar e exige estudo

mais aprofundado do que é possível fazer em um texto curto, que mais buscou um caminho de reflexão do que preceitos didáticos para uma nova prática. Se a formação de leitores é responsabilidade da sociedade em geral, o professor de Literatura ocupa um lugar privilegiado de estar na experiência hermenêutica com seus alunos, podendo ampliar também seus horizontes interpretativos. Segundo Petit (2008, p. 39):

Os escritores nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças a suas histórias, escrevemos a nossa, por entre as linhas. E porque tocam o mais profundo da experiência humana – a perda, o amor, o desespero da separação, a busca de sentido – não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós. E é exatamente nesse ponto que jovens leitores vindos de meios desfavorecidos podem, muitas vezes, se encontrar com eles.

Na abertura para o outro, que não é só a obra, mas também os sujeitos envolvidos no diálogo sobre a obra, o professor também tem oportunidade de se autocompreender, aumentar seu juízo moral e manejar a alteridade de forma a poder aprender e se refazer no contato com estes outros. “Para isso é necessário abertura. Mas, por fim, esta abertura não se dá só para aquele a quem permitimos que nos fale.” (GADAMER, 2007, p. 471). E, ainda, “a abertura para o outro implica, pois o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o faça valer contra mim.”. (GADAMER, 2007, p. 472)

**Referências**

ANTUNES, Irandé. **Aula de português – encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CEREJA, William. **Uma proposta dialógica de ensino de Literatura no Ensino Médio**. Tese de Doutorado. PUCSP, 2004.

COLOMER, Teresa. CAMPS, Anna. Trad. Fátima Murad. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Tradução Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Traduzido por Flavio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8. ed. Traduzido por Flavio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2007.

GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler**: propostas para construir uma nação de leitores. Tradução Víctor Barrionuevo. São Paulo: Ed. Nacional, 2010. 229p.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. EDIPUCRS, 2005.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Editora Unijuí. Ijuí. 2010.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1969.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza – São Paulo. Ed. 34, 2008. 192 p.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Tradução Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1989.

SHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a Educação estética da Humanidade**. Trad. Roberto Schwarz. Editora Herder, São Paulo, 1963.

Recebido em 2013-08-29  
Publicado em 2014-03-16